

Domingo XXX do Tempo Comum – Ano C – 26.10.2025

1ª leitura – Ben-Sirá ou Eclesiástico 35, 15b-17.20-22a

Salmo – Salmo 33 (34)

2ª leitura – 2Timóteo 4, 6-8.16-18

Evangelho – Lucas 18, 9-14

SALVAÇÃO: DIREITO ou NECESSIDADE?

Nos domingos passados aprofundamos o tema da ORAÇÃO. Na partilha do domingo XXIX aponte uma perspetiva acerca do tema da oração como um ACONTECIMENTO SALVÍFICO. Hoje, chegados ao XXX Domingo do Tempo Comum, procurarei abordar o tema da SALVAÇÃO, numa dupla perspetiva: Antropológica e Divina.

Vários exegetas salientam que ambos os homens, o fariseu e o publicano, rezam com verdade a compreensão de si mesmos diante o concreto das suas vidas. Não obstante, Jesus elogia um (publicano) e o outro não (fariseu).

Antes de uma análise antropológica (da nossa experiência humana), devemos clarificar uma posição corporal, que na Sagrada Escritura se revela como dimensão divina essencial: ESTAR DE PÉ.

No Antigo Testamento, o verbo grego *ἵστημι* (tradução dos LXX) é comumente traduzido por ESTABELEECER, e no Novo Testamento por APRESENTAR. O sujeito da ação é primordialmente DEUS que se dirige à humanidade por ele desejada. Realço algumas das passagens mais relevantes: «Mas contigo [Noé] **estabelecerei** a minha aliança; e entrarás na arca, tu e os teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo» (Gen 6,18); «E eu convosco estabeleço a minha aliança, que não será mais destruída toda a carne pelas águas do dilúvio, e que não haverá mais dilúvio, para destruir a terra» (Gen 9,11); «E **estabelecerei** a minha aliança entre mim e ti [Abraão] e a tua descendência depois de ti em suas gerações, por aliança perpétua, para te ser a ti por Deus, e à tua descendência depois de ti» (Gen 17,7); «E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, **se deteve** [se estabeleceu] sobre o lugar onde estava o menino» (Mt 2,9); «E um anjo do Senhor lhe apareceu, **posto em pé**, à direita do altar do incenso» (Lc 1,11); «E falando eles destas coisas, o mesmo Jesus **se apresentou** no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco» (Lc 24,36); «E oito dias depois estavam outra vez os seus discípulos dentro, e com eles Tomé. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, e **apresentou-se** no meio, e disse: Paz seja convosco (Jo 20,26).

Podemos concluir que é Deus quem primeiro procura fazer-Se PRESENTE, no duplo sentido da palavra (acontecimento e oferta de Si mesmo), para com a humanidade ESTABELECEER uma Aliança de salvação: vida liberta e vida ressuscitada.

Então, voltando o nosso olhar novamente para o fariseu e o publicano, qual a pequena-enorme diferença entre ambos?

O fariseu, que fala a verdade de si mesmo o do outro (publicano), apresenta-se diante de Deus como um homem virtuoso, cheio de si mesmo, com uma autoconfiança desmedida: «‘Meu Deus, dou-Vos graças por não ser como os outros homens» (Lc 18,11).

Este desregulamento egocêntrico coloca-o numa invertida atitude: altivez endeusada; redução antropológica de DEUS. É um homem cumpridor da lei, mas vive num *emsimesmamento* que o impede de viver da graça divina. O fariseu é garantia de si mesmo, obra da sua própria virtude (cf. BOUZON, Emanuel; ROMER, Karl Josef, in *A Palavra de Deus – no anúncio e na oração*, pp. 316-318). Por outras palavras, não é o fariseu que deve sentir satisfação por estar diante de Deus e n’Ele procurar a sua salvação, mas Deus que deve agradecer ao virtuoso fariseu por alcançar a salvação pelo seu próprio esforço (cf. ULIBARRI, Florentino, in *Conocer, gustar y vivir la Palabra*, p. 340).

Ao contrário, o publicano aparece como o exemplo da humanidade que se reconhece pecadora, e que o pecado provoca distância com Deus e com os outros. Neste verdadeiro reconhecimento de si mesmo, o publicano abre-se à confiança plena em Deus, mergulha no mais profundo da sua miséria para ser levantado para uma vida nova (cf. Comentários à Bíblia Litúrgica, pp. 1179-1180).

Comparativamente, podemos afirmar que o fariseu sente que tem todo o DIREITO de alcançar a salvação, enquanto o publicano se sente NESSECITADO de salvação.

O que nos falta para não deixarmos de dar o melhor de nós mesmos – procurar viver a verdade das virtudes cristãs – sem nos enredarmos em nós mesmos?

Encontrei a resposta na reflexão de Santa Teresa de Ávila, que abordava o tema da vida verdadeiramente virtuosa, recorrendo acerca da Humildade: «Uma vez estava eu considerando por que razão era Nosso Senhor tão amigo desta Virtude da Humildade, e logo entendi que é porque Deus é a suma Verdade, e a Humildade é andar na Verdade. E é muito grande verdade não termos coisa boa de nós mesmos, senão a miséria e sermos nada; e, quem isto não entende, anda em mentira. Quem melhor o entende, mais agrada à suma Verdade, porque anda nela. [...] O verdadeiro humilde sempre duvida das próprias virtudes e considera mais seguras as que vê no próximo».

O caminho da humildade cristã far-nos-á sempre NECESSITADOS de DEUS e dos OUTROS, num único movimento de caminho conjunto, onde não há espaço para ultrapassagens perigosas, que colocam em causa o outro, mas sim que faz do caminho dele o seu próprio caminho de salvação.